

A minha família, o meu trabalho, a minha ilha... e outros animais

Sou polícia numa grande zona turística de Tenerife, nas Ilhas Canárias, para onde se deslocam milhões de turistas à procura do sol.

06/02/2008

Sou supranumerária do Opus Dei, estou casada e temos quatro filhos; uma está na Península e os outros três estão connosco; e além disso,

temos em casa, como *inquilinos*, mais de cinquenta animais, cães, gatos, coelhos, galinhas, tartarugas, rãs, peixes de todas as cores, porquinhos vietnamitas, lagartos, lagartixas e todo o tipo de pássaros, desde canários e papagaios até um melro, que foi a nossa última *aquisição*. São todos bem recebidos.

Esta é uma terra acolhedora onde recebemos muito bem toda a gente, os forasteiros e os turistas, mas não esse tipo de *turistas* amigos do alheio, que se apresentam por aqui em tempo de férias e costumam estar também na *época alta*.

Este segundo tipo de turistas exige que eu actue de vez em quando, na minha profissão, como diria... de forma *contundente*. Depois dessas *actuações*, os meus companheiros dizem-me, na brincadeira:

-Oh rapariga! Tens cá um génio! E vais tu à Missa todos os dias...

-Agora imagina como seria – digo-lhes eu - se não fosse todos os dias à Missa!

Como os pinheiros do Teide

Vêm-se da minha casa, lá em baixo, as grandes urbanizações turísticas do Sul da Ilha; e ao alto, por cima dos bosques, o pico branco do Teide.

Pedimos a Deus que os nossos filhos sejam como esses pinheiros altos que se aguentam firmes, lá em cima, na montanha, junto do vulcão, suportando a força dos ventos.

Graças a Deus, a nossa filha mais velha também é do Opus Dei e os dois do meio frequentam os meios de formação dos clubes da Obra que há na outra parte da ilha. Agora estão na idade dos primeiros namoros e procuramos falar-lhes claro sobre o matrimónio, ganhando a sua confiança e *adiantando-nos* em tudo o que possamos.

Saber "passar por alto"

No meu modo de ver, no matrimónio há que saber estabelecer um *estica e encolhe*; há que aprender a amar-se e a perdoar-se todos os dias, passando por alto essas coisas tolas que a todos nos acontecem, porque um dia chega-se aborrecido a casa e outro levantamo-nos *com o pé esquerdo...*

Há que saber passar por alto muitas minudências, sem dramatizar tolices, porque todos, todos, homens e mulheres, têm defeitos.

Recordo que quando fiz os cursos pré matrimoniais nos perguntaram numa aula:

- E vós... estais apaixonadas também pelos defeitos dos vossos noivos?

Nenhuma das que ali estávamos levantou a mão. E, no entanto, este ponto é muito importante. O namoro é um tempo para se conhecerem

mutuamente, para se aceitarem, com as virtudes e defeitos que todos temos.

O meu marido costuma falar destes temas com o Henrique, o mais velho, porque vemos à nossa volta que muitos casais jovens se conhecem muito mal quando se casam.

O Henrique quer ser veterinário, o que não é mesmo nada estranho numa família como a nossa, em que vivemos muito em contacto com a natureza, como os do livro *A minha família e outros animais*. Se bem me lembro, essa família vivia numa ilha grega, salvo erro em Creta.

Realmente é maravilhoso viver numa ilha, junto do mar, em plena natureza; e mais ainda se for uma ilha como a nossa, onde desfrutamos, graças a Deus, de uma eterna primavera.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/a-minha-
familia-o-meu-trabalho-a-minha-ilha-e-
outros-animais/](https://opusdei.org/pt-pt/article/a-minha-familia-o-meu-trabalho-a-minha-ilha-e-outros-animais/) (28/01/2026)